



CRP
RS
CONSELHO REGIONAL
DE PSICOLOGIA
DO RIO GRANDE DO SUL

Ano XII
Número 59
Jul | Ago | Set 2012

entre linhas

**Impresso
Especial**

9912211301/2008 - DR/RS
Conselho Regional de
Psicologia 7ª Região

...CORREIOS...



Av. Protásio Alves, 2854
Porto Alegre - RS
CEP 90410-006

50 ANOS DA REGULAMENTAÇÃO DA PROFISSÃO NO BRASIL

Em agosto, a Psicologia completa 50 anos de história como profissão no Brasil. É momento de comemorar, mas também de refletir sobre os desafios e compromissos de uma profissão que se depara, a todo o momento, com inúmeras possibilidades de inserção e de relação com a sociedade.



O ano de 2012 marca os 50 anos de regulamentação da Psicologia no Brasil. Este tempo cronológico (Chrónos) nos leva a pensar na sucessão de fatos que marcaram a construção desta história, lançando nosso olhar para um passado em direção ao presente. No entanto, podemos tomar a passagem destes 50 anos em suas dimensões de oportunidade (Kairós) e de intensidade (Aión).

Esta edição do EntreLinhas tenta conjugar essas diferentes dimensões do tempo, ao abordar o passado entre a regulamentação da Psicologia e a atualidade da profissão no Brasil, não apenas contando fragmentos de história, mas debruçando-se sobre momentos críticos desta e as intensidades produzidas em nossas vidas ao longo desse tempo.

É momento de comemorar, mas também de refletir sobre os desafios e compromissos de uma profissão que se depara, a todo o momento, com inúmeras possibilidades de inserção e de relação com a sociedade.

Nestes 50 anos, os modos de viver alteraram-se significativamente, produzindo mudanças nas demandas da sociedade em relação à Psicologia, que é cada vez mais convocada a dar respostas sobre uma diversidade de questões que configuram os atributos da sociedade contemporânea. Torna-se cada vez mais claro que, para lidar com a complexidade das demandas, é necessário reconhecer a importância dos diálogos e práticas multi, inter e transdisciplinares, conceitos que colocam em questão não apenas aquilo que é exclusivo, ou não, de determinada área de conhecimen-

to, mas que fundamentalmente tencionam a superação dos especialismos em si mesmos, exigindo dos profissionais maior capacidade de transitar pelos diferentes campos do conhecimento, com menos riscos de fragmentação entre campos de saberes e práticas.

Se ao longo dos últimos 50 anos inúmeras transformações ocorreram nas produções teóricas e técnicas, bem como na inserção dos profissionais da Psicologia em diferentes contextos, temos hoje o desafio de colocar em questão os modos como temos ocupado os espaços conquistados, ou seja, a serviço de que a Psicologia está sendo colocada ao longo desse período?

Em 2012, o Sistema Conselhos de Psicologia organiza a 2ª Mostra de Práticas em Psicologia, na qual se espera dar visibilidade e discutir como essas novas práticas da Psicologia estão se colocando no contemporâneo.

No Rio Grande do Sul, realizaremos diferentes ações que deem visibilidade a data, entre elas destacamos:

a I Mostra Regional de

Práticas em Psicologia – A Técnica Aliada à Arte – “50 Anos de História”; a Exposição Itinerante “Psicologia: 50 anos de Profissão no Brasil”, que circulará por diferentes espaços públicos, com o objetivo de aproximar a Psicologia da comunidade; o troféu Profissional Destaque, uma homenagem a cinco psicólogos indicados pela categoria como referência para a Psicologia no estado nestes 50 anos de regulamentação da profissão.

Brindamos a todos os Psicólogos e Psicólogas do RS e do país e convidamos a participar das atividades comemorativas aos 50 anos da Psicologia no Brasil!



Matérias de capa

04 A 15 50 ANOS

Consolidar, historiar, comemorar e pensar a psicologia que queremos
Helena Scarparo

Psicologia no Rio Grande do Sul: Pioneirismo e Consolidação
William B. Gomes

Histórias não contadas, esquecidas e silenciadas
Cecília Maria Bouças Coimbra

Do legado à apropriação
Denise Hausen

Psicologia Industrial, Psicologia Organizacional, Psicologia do Trabalho e das Organizações: sua inserção no mundo do trabalho
Maria da Graça Corrêa Jacques

Ciência, Filosofia e Arte: quando o afeto encontra o conceito e transforma a percepção
Tania Galli

Da interioridade psi à exterioridade cerebral? Algumas relações entre psicologia e neurociências
Marcos Adegas de Azambuja

Fronteiras, na interdisciplina
Marcia Ribeiro de Menezes Ribeiro

16 **ENTREVISTA**

Chico Pedro

19 **ORIENTAÇÃO**

20 **CREPOP**

21 **DICA CULTURAL**

22 **EVENTOS**

23 **COMUNICADOS**

24 **AGENDA**

Publicação trimestral do Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul

Presidente: Vera Lúcia Pasini

Vice-presidente: Vania Roseli Correa de Mello

Tesoureira: Tatiana Baierle

Secretária: Vivian Roxo Borges

Conselheiros efetivos

• Vera Lúcia Pasini • Loiva Leite • Vânia Roseli Correa de Mello • Dirce Terezinha Tatsch • Maria de Fátima B. Fischer • Alexandra Maria Campelo Ximendes • Vivian Roxo Borges • Adolfo Pizzinato • Luciana Knijnik • Melissa Rios Classen • Elisabeth Mazon Machado • Roberta Fin Motta • Thênis Bárbara Antunes Trentini

Conselheiros suplentes

• Sinara Cristiane Três • Tatiana Baierle • Leda Rubia C. Maurina • Pedro José Pacheco • Deise Rosa Ortiz • Nelson Eduardo E. Rivero • Rafael Volski de Oliveira • Rosa Veronese • Vânia Fortes de Oliveira • Janaína Turcato Zanchin • Lutiane de Lara • Bianca Sordi Stock • Daniela Deimiquei

Comissão Editorial: Elisabeth Mazon Machado, Helena Scarparo, Lutiane de Lara, Melissa Rios Classen e Roberta Fin Motta.

Jornalista Responsável: Aline Victorino – Mtb 11602

Estagiária de Jornalismo: Bruna Arndt

Redação: Aline Victorino, Belisa Giorgis, Bruna Arndt.

Relações Públicas:

Belisa Zoehler Giorgis / CONRERP/4 – 3007

Eventos: Adriana Burmann

Comentários e sugestões: imprensa@crprs.org.br

Endereços CRPRS:

Sede – Porto Alegre: Av. Protásio Alves, 2854/301

CEP: 90410-006 – Fone/Fax: (51) 3334-6799

crprs@crprs.org.br

Subsede Caxias do Sul: Rua Moreira Cesar, 2712/33

CEP: 95034-000 – Fone/Fax: (54) 3223-7848

caxias@crprs.org.br

Subsede Pelotas: Rua Félix da Cunha, 772/304

CEP: 96010-000 – Fone/Fax: (53) 3227-4197

pelotas@crprs.org.br

Projeto Gráfico e Diagramação:

Tavane Reichert Machado

Ilustrações: Estúdio Figuras

Impressão: Ideograf

Tiragem: 16.000 exemplares

Distribuição gratuita



Cadastre-se no site para receber a newsletter
www.crprs.org.br

Consolidar, historiar, comemorar e pensar a psicologia que queremos

Helena Scarparo¹

O trabalho de pesquisadora da História da Psicologia tem me auxiliado à escuta do presente. Na medida em que história é saber produzido por pessoas no seu tempo (Bloch, 2002), historiar uma profissão é buscar uma compreensão das alianças entre as práticas e as circunstâncias dos contextos de instituição daquele ofício. Nessa tarefa, conto e descrevo o tempo nos cenários da Psicologia e, para intensificar ou perpetuar memórias, uso marcadores da distância entre o passado e o presente. Por exemplo, no ano em curso nossa profissão comemora – precisamente – meio século de oficialização. Um breve tempo que guarda intensas memórias.

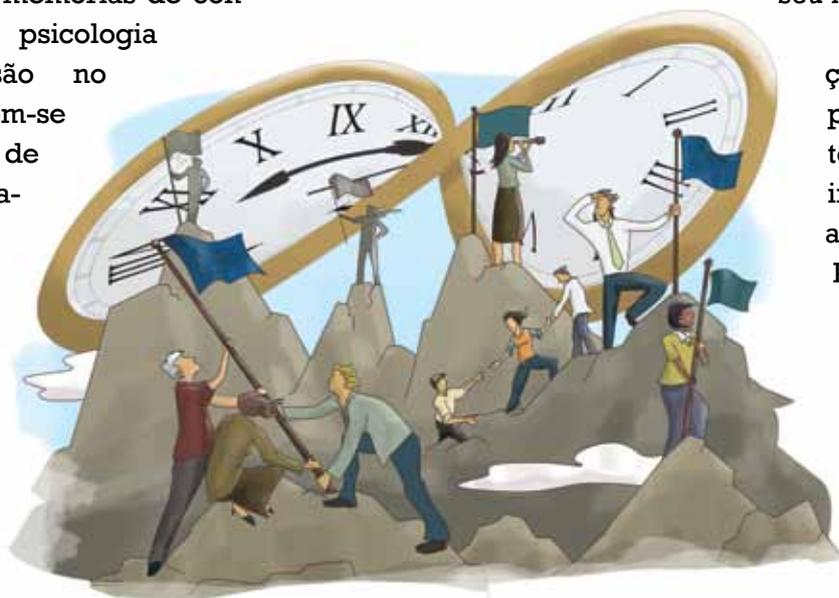
Muitas das memórias de consolidação da psicologia como profissão no Brasil referem-se à instituição de espaços de valorização e legitimação da área. É o caso da elaboração de teses inspiradas nas ideias psicológicas na Faculdade de Medicina, no início do século XX (Lullhier, 1999), da inserção de disciplinas de psicologia nos currículos das escolas normais e da formalização dos primeiros cursos regulares de psicologia no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, no início da década de 1950 (Jacó-Vilela, 2111) e do movimento nacional para a oficialização da profissão que associou profissionais de vários estados brasileiros.

No Rio Grande do Sul, as tratativas para consolidação se inseriam num contexto de ampla valorização das práticas psicológicas, traduzido no entusiasmo em relação à Psicologia presente nos jornais da época e nas narrativas sobre esse tempo. Como observou Francisco Pedro P. de Souza:

“era uma espécie de revelação, uma nova fé assim, um novo ideário que era divulgar essa nova visão do ser humano e da sociedade... a motivação, a nossa “chama mítica”... era a ideia de que tinha surgido uma nova ética, uma nova maneira de ver o ser humano a partir da subjetividade... a partir do seu interior...”.

Essa esperança levou um grupo de estudantes e docentes a instituir em 1959 a Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul (SPRS), um espaço que fortaleceu e acelerou os processos de consolidação da Psicologia no

Estado. É da SPRS uma das notícias veiculadas no Correio do Povo por ocasião da oficialização da nossa profissão. Na edição de 27 de agosto de 1962, consta que José Fenianos, então presidente, expressou satisfação pela sanção do projeto que “regulamentou o curso e a atividade profissional”. Com essa conquista multiplicaram-se as candidaturas a sócio da entidade, o que corroborou as ideias de vigor da Psicologia como



recurso científico e tecnológico. Uma notícia veiculada no *Correio do Povo*, em 1962, é ilustrativa. A manchete “Porto Alegre é sede de um verdadeiro laboratório psicológico de cores” referia-se a uma pesquisa sobre a psicodinâmica das cores, com uma amostra de 3600 pessoas. Nesta, 85 estudantes de um curso sobre o tema, coletaram dados para a investigação coordenada pelo arquiteto “Simão Goldman, com auxílio da psicóloga Leila Ramos”. O *Jornal* informou também que os resultados forneceriam “respostas para casos de aplicação de cores e desenhos na indústria”, além da observação “de reações psicossociais”.

Nesse período, frequentemente, havia a divulgação de cursos apoiados nos conhecimentos psicológicos. Por exemplo, a biotipologia humana e sua aplicação na prática dos negócios associada à psicologia dos grupos era conteúdo do curso “Psicologia para vendedores”, oferecido para o público em geral na mídia impressa (CP, 18/02/1962). Chama a atenção que as práticas não eram restritas aos psicólogos, evidenciando a vocação interdisciplinar da profissão.

As fronteiras da psicologia foram abordadas na visita ao Brasil do presidente da “Associação Psicanalítica Internacional”, o médico estadunidense Maxwell Gitelson. Na reportagem “Psicanálise e Psiquiatria tem que caminhar juntas” (14/8/1962) Gitelson advertiu que a psiquiatria, a bioquímica e a fisiologia eram base para o psicodiagnóstico psicanalítico. Entretanto, a “ciência de Freud” só poderia ser parte do aprendizado da psicologia “de forma intelectual”. Como se pode constatar, a conquista de territórios profissionais, já se desenhava como árdua tarefa nos anos 1960.

Para o conselheiro da primeira gestão Francisco Jancer, a luta pela inserção do campo “psi” foi calcada na busca de “condições de sobrevivência” e de “organização de uma classe” emergente, que contava com uma demanda social e queria ser reconhecida. Oficializada no período da Guerra Fria e dois anos antes do Golpe Civil-Militar de 1964, a

Psicologia brasileira tem se consolidado a partir de estratégias de acomodação e resistência às circunstâncias de seu tempo (Hernandez & Scarparo, 2008). Entre essas são marcantes a criação dos Conselhos Federal e Regionais, na década de 1970. Da mesma forma, a elaboração do Código de Ética para a profissão no final da década de 1970 e a conquista da Carta Sindical para a categoria nos anos 80.

Muitos outros indicadores podem demarcar esses processos, pois nossa profissão tem inserção em diferentes espaços da sociedade. Exercemos muitas psicologias e nos relacionamos com diferentes territórios nos quais a concomitância de experiências, de expectativas e de incertezas se mostra como transformação todos os dias. São chances de criação para que não nos acomodemos a conceitos e valores esvaziados e para que o sentimento de esperança que norteou os primeiros processos de consolidação nos estimule a favorecer a consolidação de práticas solidárias, capazes de reconhecer a riqueza da vida. Tal esperança não admite comportamentos ou caminhos marcados de forma rígida por métricas descontextualizadas ou pela renovação de dogmas; ela sugere o exercício político de, ao fazer psicologia, ter claros os valores que justificam nossas práticas e os efeitos que desejamos produzir.

¹ Psicóloga com mestrado em Educação e doutorado em Psicologia pela PUCRS. Professora-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da PUCRS. Coordena o Grupo de Pesquisa “Psicologia e Políticas Sociais – memória, história e produção do presente”. Integra a Rede Iberoamericana de Pesquisadores da História da Psicologia e o Grupo de Trabalho de História da Psicologia da ANPEPP.

Referências

Bloch, M. (2011) *Apologia da História*. São Paulo: Zaar.

Hernandez, A.; Scarparo, H. (2008) “Silêncios e saberes guardados nas imagens do pré-golpe de 1964”. *Revista de Psicologia Política*. vol. 8. nº 15. pp. 57-78.

Jacó-Vilela (Org.) (2011). “Dicionário histórico de Instituições de Psicologia no Brasil”. Rio de Janeiro: Imago; Brasília:CFP.

Lhullier, C. (1999). “As ideias psicológicas e o ensino de psicologia nos cursos normais de Porto Alegre no período de 1920 a 1950”. Dissertação de mestrado não publicada, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

Psicologia no Rio Grande do Sul: Pioneirismo e Consolidação

William B. Gomes¹

A comemoração dos 50 anos da profissionalização da Psicologia no Brasil é uma feliz oportunidade para lembrarmos o pioneirismo do Estado do Rio Grande do Sul no estudo e na prática desta ciência. O interesse pela educação encontrou aqui solo fértil que avançou celere-

mente da Escola Normal, em 1869, à Faculdade de Farmácia, em 1895. Foram apenas 26 anos para ir do nível médio ao superior, tempo curtíssimo se comparado a outros estados brasileiros. Logo em 1898, estabeleceu-se a Faculdade de Medicina, a terceira inaugurada no Brasil, precedida pelas congêneres de Salvador e do Rio de Janeiro.

Nessa mesma década, em 1884, era fundado o Hospital Psiquiátrico São Pedro. Com a Escola Normal e a Faculdade de Medicina estavam abertas as grandes vias para implantação dos primeiros cursos e práticas de Psicologia no Estado. Pelo Hospital, foram introduzidos os primeiros estágios em psicopatologia no Brasil, para interessados em se tornar “psicologistas,” já na década de 1940.

A psicologia esteve presente nas disciplinas da Escola Normal, mais tarde Instituto de Educação General Flores da Cunha, desde 1906. Em 1930, tornou-se título de disciplina e, em 1940, área de aplicação com a criação do Gabinete de Psicologia e do Serviço de Orientação Educacional. Enquanto isso, a nova ciência psicológica subsidiava a Cadeira de Psiquiatria da Faculdade de Medicina

nas teses inaugurais de final de curso, em temas como: concepções de higiene e saúde pública, adoecimento mental, delinquência e normas sociais, cuidados com a infância e higiene escolar, diagnóstico e tratamento das doenças mentais e a relação do homem com o ambiente. A Pedagogia e a Medicina receberam a Psicologia como uma ciência básica

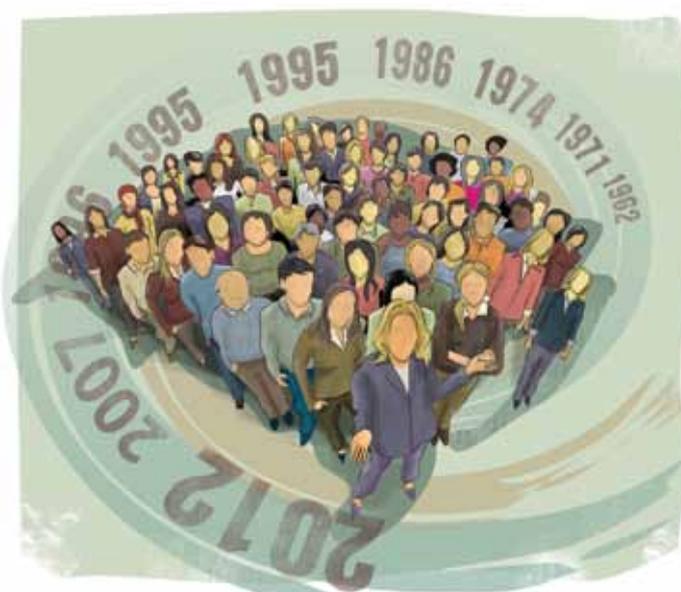
que forneceria métodos e evidências científicas às suas aplicações.

No decorrer dos anos 1930, as ideias psicanalíticas já chamavam a atenção dos psiquiatras, como mostra a tradução do italiano para o português, por Dyonélio Machado (1895-1985), do

“*Elementos de Psicanálise*”,

de Edoardo Weiss (1889-1970), considerado o primeiro texto psicanalítico publicado no Estado. Nessa mesma década, a Cátedra de Medicina Legal da Faculdade de Medicina inclui a Psicanálise como parte de seu programa e pré-requisito para as disciplinas de Criminologia e de Psiquiatria Forense.

No entanto, as bases para a formação do psicólogo foram lançadas pela Faculdade de Filosofia da atual Universidade Federal do Rio Grande do Sul, inaugurada em 1943. O primeiro professor de Psicologia foi o behaviorista Oscar Machado (1903-1984), reitor do Instituto Porto Alegre (IPA) e com formação nos EUA. A partir do segundo ano, a disciplina passa aos psiquiatras psicanalistas Décio Soares de Souza (1907-1970) e Victor de Britto Velho (1915-2006).



Em 1946, Souza concentrou suas atividades na Faculdade de Medicina, e Britto Velho assumiu a cátedra na Faculdade de Filosofia. Para assistente, convidou o jovem recém-graduado Nilo Antunes Maciel (1920-1993), que foi o nosso primeiro psicólogo. Maciel foi pioneiro em várias frentes. Organizou serviços de Psicologia na antiga VARIG e na Carris, fundou uma clínica de serviços psicológicos na UFRGS e era um grande conhecedor do Teste de Rorschach. Outros psicólogos importantes formados por esta Faculdade foram Jurema Alcides Cunha (1925-2003), referência em Avaliação Psicológica, Francisco Pedro (1927), e Edela Lanzer Pereira de Souza (1925-2004), pioneiros na Psicologia Organizacional.

Na década de 1950, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul assume a liderança com a criação dos cursos de especialização em Psicologia para pós-graduados. Nesses cursos, e no primeiro curso de graduação que seria criado em 1962, os professores que convenceram e encantaram eram psiquiatras psicanalistas. Como resultado, a orientação teórica dos primeiros cursos de graduação seria marcadamente psicanalítica. Ocorre que nestes primeiros tempos os psicólogos não eram aceitos para formação em psicanálise. Tal situação abriu espaço a variações teóricas em psicanálise e à busca por abordagens não psicanalíticas à clínica e à psicoterapia. Destacou-se o psicólogo José Arvedo Flach (1922), o conhecido Irmão Henrique Justo, por suas contribuições ao desenvolvimento dos testes psicológicos, à introdução no Brasil da Abordagem Centrada na Pessoa e à ênfase na formação científica.

Os psicólogos do Rio Grande do Sul participaram ativamente nas discussões para o reconhecimento da profissão. Eles estiveram presentes no I Congresso Brasileiro de Psicologia realizado em Curitiba de 1º a 7 de dezembro de 1953. Desse evento, saiu uma comissão que trabalhou nos anos seguintes pela regulamentação da profissão. Nessa mesma linha surge, em 1959, a Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul, cuja ata

de fundação foi assinada por 21 psicólogos. Entre os objetivos, incluíam-se a discussão científica e a articulação profissional. Com a regulamentação da profissão em 1962, foram criados, em 1971, o Conselho Federal e os Conselhos Regionais, sendo efetivamente instalados em 1973.

Na atualidade, o Rio Grande do Sul ocupa posição de destaque como centro formador, pelos seus muitos cursos de graduação, de formação especializada e de residência profissional. Também se salienta por oferecer quatro programas de pós-graduação *stricto sensu* (PUCRS, UFRGS, UNISINOS e UFSM), um dos quais (UFRGS) figurando entre os três melhores do país. O escopo da formação e da profissão ampliou-se consideravelmente, incluindo diferentes abordagens e muitas especialidades. Desde o final do século XX, os psicólogos não só são aceitos em centros de formação, como se tornaram maioria entre os psicanalistas. Entre as inovações, mencione-se o atendimento para populações de risco, comunidades, desastres e ecologia. A tradição psicométrica continua forte e revigorada, destacando-se as avaliações neuropsicológicas. Nas psicoterapias, chama atenção o crescimento da abordagem cognitivo-comportamental.

Nestes 50 anos, a profissão encontra-se consolidada e representada pelo Conselho Regional de Psicologia, cuja sede regional em Porto Alegre inclui-se entre as sete primeiras, das 20 existentes, e por uma ativa Sociedade de Psicologia. No campo das publicações, as contribuições são notáveis, destacando-se os periódicos: *Psico* (PUCRS), *Reflexão & Crítica* (UFRGS), *Aletheia* (ULBRA) e *Contextos Clínicos* (UNISINOS). É uma bela história, plena de contribuições à Psicologia brasileira.

¹ Psicólogo pela Universidade Católica de Pernambuco. Mestre em Reabilitação Psicológica pela Southern Illinois University Carbondale (1980). Doutor em Higher Education pela Southern Illinois University Carbondale (1983). É membro correspondente da Academia de Psicologia de São Paulo, representante no Institute of Communicology – com sede em Washington USA e coordenador do GT em História da Psicologia na ANPEPP.

Histórias não contadas, esquecidas e silenciadas

Cecilia Maria Bouças Coimbra¹

O processo de estruturação da memória coletiva tem se caracterizado como um dos mais sensíveis às disputas e aos confrontos de diferentes grupos sociais. As histórias que nos têm sido impostas selecionam e ordenam os fatos segundo alguns critérios e interesses, construindo, com isso, zonas de sombras, silêncios, esquecimentos, repressões e negações.

Apesar desse poderio, essa “história oficial” não tem conseguido silenciar, ocultar ou eliminar a produção cotidiana de outras histórias, outras memórias. Pouco se tem narrado sobre as omissões, conivências e respaldos que as mais diferentes



práticas deram ao terrorismo de Estado que se abateu sobre nosso país, em especial após o AI-5, em dezembro de 1968. Muitas são as histórias nunca narradas pela chamada “história oficial”. Na área da Psicologia, por exemplo, que neste ano comemora 50 anos de existência, ainda há muito para ser contado, ainda há muito para ser conhecido². Infelizmente, apenas sabemos da “história oficial” da Psicologia no Brasil. A própria formação psi, naqueles anos, deve ser pensada e colocada em análise, apontando para seus efeitos hoje.

Entretanto, o foco deste pequeno texto prende-se a algumas análises sobre a atual Comissão Nacional da Verdade: a Comissão Consentida. Para tal, há que trazer algo sobre a recente história do nosso país.

Pouco lembramos que, desde a Lei da Anistia, em 1979, ainda em pleno período de ditadura, já se questionava a interpretação hegemônica que a ela se deu. Ou seja, pelos chamados “crimes conexos”, todos aqueles que cometeram atos contra a humanidade (sequestros, prisões ilegais, torturas, assassinatos e ocultação de restos mortais) estariam anistiados.

Alguns movimentos sociais nunca aceitaram tal interpretação e grandes juristas, como os Drs. Fábio Konder Comparato e Hélio Bicudo já apontaram que não há conexão entre os atos praticados pelos grupos opositores ao regime militar e o terrorismo de Estado que à época se implantou em nosso país. Apesar disso, a perversa interpretação que ficou da Lei da Anistia é a de que os torturadores estariam anistiados.

Sabemos que, desde a Anistia até os dias de hoje, acordos foram feitos entre as forças políticas — civis e militares — que respaldaram e apoiaram aquele regime de terror e os diferentes governos civis que se sucederam após 1985. Nesse cenário de acordos e concessões mútuas, em 1995 foi sancionada pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso a Lei 9.140, que criou uma Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos e concedeu aos desaparecidos um atestado de óbito. Ou seja, apenas os declarou mortos sem, no entanto, esclarecer onde, quando e como ocorreram tais crimes e quem os cometeu. As provas de que esses mortos e desaparecidos

estavam sob a guarda do Estado e/ou foram assassinados por seus agentes deveriam ser demonstradas pelos familiares. Com isso, de modo perverso, colocou-se o ônus das provas nas mãos dos familiares, os arquivos da ditadura continuaram trancados a sete chaves.

Por pressão de vários movimentos, criou-se, nos inícios dos anos 2000, em alguns estados brasileiros, Comissões de Reparação Econômica para familiares de mortos e desaparecidos e ex-presos políticos. Seguindo os acordos já estabelecidos, também essas comissões estaduais de reparação exigiram que os interessados provassem sua prisão, tortura, morte ou desaparecimento, visto que os arquivos continuavam inacessíveis.

O próprio conceito de Reparação, enunciado pela ONU e aprovado em 2005, aponta para a necessária investigação, averiguação, publicização e responsabilização desses atos criminosos e para “medidas que possam impedir e mesmo garantir a não repetição de tais violações”.

O Brasil, de todos os países latino-americanos que passaram por recentes ditaduras, é o mais atrasado nesse processo de Reparação. Pela Lei 9.140/95, de FHC, apenas se fez a reparação econômica, não se investigando, e muito menos publicizando e responsabilizando qualquer agente do Estado violador à época.

Atravessada por todas essas tensões e acordos políticos firmados, a Comissão Nacional da Verdade foi votada como “aquilo que é o possível hoje”, como aquilo que nos permitem fazer.

Há que lembrar que, em dezembro de 2010, a Corte Interamericana de Direitos Humanos da OEA condenou o Estado Brasileiro a investigar, esclarecer e responsabilizar seus agentes que participaram do desaparecimento de mais de 70 opositores políticos na repressão contra a Guerrilha do Araguaia³. Estendeu essa sentença aos 500 mortos e desaparecidos políticos, afirmando que a interpretação oficial da Lei da Anistia não é empecilho para tais atos reparatórios. O Brasil deveria responder à OEA no prazo de um ano. Até hoje nada foi feito. E é no bojo de tais questões que foi votada a “toque de caixa”, em regime de urgência urgentíssima, a Comissão da Verdade Consentida.

A proposta da Comissão, em sua 2ª versão⁴, é bastante limitada, e mesmo perversa. Já no próprio texto do Projeto de Lei, estreitava-se a margem de atuação da Comissão, dando-lhe poderes legais diminutos, fixando um pequeno número de integrantes escolhidos diretamente pela Presidente da República, não tendo orçamento próprio, com duração de apenas 2 anos e desviando o foco de sua atenção ao fixar em 42 anos o período a ser investigado (de 1946 a 1988). Além disso, impede-se que a Comissão investigue as responsabilidades pelas atrocidades cometidas e envie as devidas conclusões às autoridades competentes, para que estas promovam a responsabilização dos criminosos. E, para culminar, a publicização de suas conclusões irá depender da própria Comissão. Ou seja, continuamos guardando sigilo, produzindo segredo sobre aquele período de terror. Continuamos produzindo esquecimento e silenciamento.

Os crimes cometidos pela ditadura civil-militar que controlou o Brasil por mais de 20 anos permaneceram, em parte, desconhecidos e os documentos que comprovam essas atrocidades continuam em segredo, assim como os nomes e os testemunhos daqueles que cometeram tais crimes.

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade Gama Filho e em História pela UFRJ. Mestre em Psicologia da Educação pela FGV-RJ. Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP. Pós-doutorado pela USP. Professora da Universidade Federal Fluminense, Membro da Diretoria do Grupo Tortura Nunca Mais Rio de Janeiro.

² Sobre o tema, consultar: Coimbra, C.M.B. *Guardiães da Ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do 'milagre'*. Rio de Janeiro: oficina do Autor, 1955. Por estar esgotada, encontra-se online.

³ Movimento de resistência ao regime militar (1966-1974) na região do Bico do Papagaio entre o Pará, Maranhão e Goiás, organizado por militantes do PCdoB.

⁴ A 1ª versão da Comissão foi apresentada no bojo do 3º Plano Nacional de Direitos Humanos, em dezembro de 2009. Houve forte pressão dos comandantes militares e do Ministro da Defesa à época, Nelson Jobim, que colocaram seus cargos à disposição por serem contrários à Comissão. O Executivo cedeu à chantagem e, em maio de 2010, anunciou a 2ª versão do 3º Plano Nacional de Direitos Humanos, em que a Comissão da Verdade foi totalmente modificada. Forças conservadoras também estiveram presentes, questionando vários outros pontos desse 3º Plano. Saíram vitoriosas, e o Presidente da época, Luiz Inácio Lula da Silva, voltou atrás em várias questões, como a do aborto, das ocupações rurais, da liberdade de imprensa, dentre outras.

Do legado à apropriação

Denise Hausen¹

E escrever acerca da profissão de psicólogo, desde a sua criação, até o momento do seu quinquagésimo aniversário é, no mínimo, instigante. É um modo de oferecer, a quem escreve e a quem lê, uma oportunidade de pensar e repensar o lugar que nossa prática ocupa no imaginário social e, sobretudo, em nossa própria forma de percebermo-nos como psicólogos. É nessa perspectiva que me ocupei do tema, sabendo que ao movimentar ideias, preconceções e definições, posso, de modo pessoal, retomá-lo, fazendo um depoimento acerca de trajetórias de profissionais da psicologia que foram, com sua ação prática e política, transformadores dessa mesma prática.

Doris Lessing, Nobel de Literatura de 2004, sintetiza o que pode representar a tarefa de historicizar um fato, um evento, um tempo. Escreve ela:

“Tendemos a contemplar um período da vida através de uma série de fatos para encontrar neles muito mais do que encontramos no momento em que se registraram”. (Memórias de uma Supervivente, 2007. p. 9).

Em 2006, o CFP define a cor azul para a faixa dos formandos em psicologia. Até então, predominava o verde como símbolo da Psicologia, juntamente com muitas outras profissões chamadas “da Saúde”.

O que isso tem a ver com nossos 50 anos?

Nossa profissão é criada oficialmente no Brasil em 1962: traz na sua gênese uma relação estreita com a filosofia. Em Porto Alegre, a ideia de um curso de psicologia se origina na Faculdade de Filosofia da PUCRS, e se materializa ao ser criado o Instituto de Psicologia/PUCRS.

Essa estreita ligação entre os filósofos e a fundação do então Instituto amalgamou-se com outra perspectiva, marca e memória dos nossos primeiros passos enquanto psicólogos gaúchos: convidam-se psiquiatras e psicanalistas renomados da comunidade

porto-alegrense para serem professores responsáveis pela transmissão dos conteúdos teóricos da psicologia. Gratos somos a eles, que nos ofereceram seu saber, nos emprestaram suas identidades e seus modos peculiares de pensar o sujeito humano. Dedicaram-se com afinco a nos fazerem psicólogos. Essa foi uma época que, para ser psicanalista, era preciso ser médico, o que marcou esse mesmo exercício profissional do psicólogo no tocante à prática clínica. O lugar era de colaboradores, aqueles que favoreceriam que os poucos psiquiatras pudessem se dedicar ao atendimento dos pacientes como médicos. Tempos das praxiterapias, comunidades terapêuticas em que nosso trabalho se definia como um modo secundário de ser psicoterápico.

A prática, honrosa e necessária, era realizada com os “pacientes que eram dos médicos”! A eles, chefes das equipes, cabia o lugar de detentores de um saber que nos era oferecido, obedecida essa condição.

Marcas de nascença que precisaram passar por um movimento de autonomia: termos nossos supervisores médicos tão somente como figuras fundantes. Nossa prática transita por outro modo de viver a clínica: não é preciso mais passar *pela morte de um paciente para saber-se o que era fazer psicoterapia!* Ser psicólogo hoje vai muito além. Somos reconhecidos por um saber que se inscreve na escola, no hospital, na comunidade, na empresa, no trabalho, no esporte, no consultório. Quando terapeutas, não é apenas a Saúde que buscamos: buscamos o que de singular distingue o humano, buscamos o azul que marca a toga dos nossos formandos, que marca nossa profissão que pode ocupar-se com práticas para além da clínica propriamente dita, que se destaca pela expansão e engajamento político: nem melhores nem piores, diferentes, singulares.

¹ Psicóloga, psicanalista e professora.

Psicologia Industrial, Psicologia Organizacional, Psicologia do Trabalho e das Organizações: sua inserção no mundo do trabalho

Maria da Graça Corrêa Jacques¹

A Psicologia se constitui como uma disciplina independente, na segunda metade do século XIX, em um cenário de valorização da individualidade humana, da ciência e da técnica, fundamental para sua constituição como ciência, munida de métodos e técnicas identificados com a prática científica. Buscando reconhecimento, caracteriza-se por uma ruptura metodológica em relação a sua trajetória passada, incorporando os métodos e técnicas das ciências físicas e naturais como legítimos representantes do pensamento e da prática científicos.

O século XIX é, também, o século de valorização do progresso industrial e de aplicação do saber científico ao mundo do trabalho. A grande indústria que caracteriza esse período busca nas ciências aplicadas os instrumentais para o aumento da produtividade. As incursões da Psicologia se constituíam, principalmente, na aplicação de métodos e técnicas psicológicas de seleção de pessoal, aplicadas, posteriormente, à avaliação de desempenho e ao treinamento, com o propósito de aumentar o rendimento dos trabalhadores.

A trajetória da Psicologia Industrial, depois nominada de Psicologia Organizacional, e mais recentemente, de Psicologia do Trabalho e das Organizações (nomes que procuram se adequar à ampliação do campo e não a princípios epistemológicos distintos), tem como modelo hegemônico a utilização de métodos e técnicas de classificação e adaptação dos trabalhadores na difusão de normas e valores do modelo econômico vigente. O exame da trajetória da Psicologia no Brasil, nesse campo, revela um percurso similar.

É inegável a importância que os estudos, pesquisas e intervenções no mundo do trabalho representaram no reconhecimento social da Psicologia no cenário brasileiro. O reconhecimento da profissão no Brasil, em 1962, deve-se, em muito, aos trabalhos de seleção de pessoal e à criação de instrumentos psicológicos de avaliação da

adaptação dos trabalhadores, criados, principalmente, mas não somente, em órgãos públicos. A Psicologia aplicada ao mundo do trabalho se apresentou como importante aliada no processo de industrialização crescente por meio de seus princípios norteadores e de sua tecnologia a serviço da adaptabilidade e da administração de conflitos na relação capital-trabalho.

Esse campo de aplicação ocupou, no Brasil, lugar de menor valorização frente à positividade da Psicologia Clínica de caráter terapêutico, principalmente a partir das críticas da Psicologia Social brasileira que se direcionou, a partir da década de 1970, à construção de um saber e um fazer voltados ao compromisso social e à emancipação humana. No entanto, o que hoje se chama de Psicologia do Trabalho e das Organizações não se diferencia muito do seu percurso mundial e brasileiro: uma Psicologia eminentemente aplicada, voltada à construção de conhecimentos e técnicas direcionadas a gestão de pessoal, segundo normas e princípios identificados com o sistema econômico vigente e, secundariamente, voltados ao bem-estar do trabalhador. Identificam-se alguns movimentos contrários a tal posição hegemônica, mas muito pouca construção teórica sobre a relevância da categoria trabalho na construção subjetiva e na saúde mental.

No cenário contemporâneo brasileiro, se observa uma tendência de crescimento da Psicologia aplicada ao mundo do trabalho. Mantêm-se, no entanto, os mesmos princípios que caracterizam a trajetória da Psicologia nesse campo com pouco diálogo, com outras tendências.

¹ Psicóloga, Mestre em Psicologia Organizacional (PUCRS), Doutora em Educação (PUCRS) e pós-doutorado em Psicologia Social na Universidade Aberta (Portugal). Tem experiência na área da Psicologia do Trabalho, com ênfase em Saúde Mental e Trabalho.

Ciência, Filosofia e Arte: quando o afeto encontra o conceito e transforma a percepção

Tania Galli¹

Diante da data em que comemoramos os 50 anos da regulamentação da Psicologia como profissão, não seria demasiado lembrar o sentido que as datas assumem em nossas considerações: elas apenas indicam um ponto, um pequeno ponto de uma memória que não pode ser resumida e sequer reduzida a um ponto originário. Datas sempre são indícios de acontecimentos extemporâneos, expressam uma faceta daquilo que foi possível trazer à existência dentre a multiplicidade de devires que todo acontecimento contém.

As datas são efeitos desdobrados de um acontecimento, tornam-se históricas porque assinalam nossa sede de origens, mas, na verdade, devem ser consideradas como aquele pico brilhante que, tendo sido efetado, segue à tona, nos apontando para algo que se produziu como possível a partir de um

imenso acontecimento. As datas não assinalam uma origem, não mostram heróis e gênios inspirados; elas contemplam a direção possível de uma evolução criadora de uma multidão anônima. Referem-se sempre à expressão seletiva que podemos recolher de um combate discursivo que se travou. As datas, nada mais são do que signos a serem colocados no mundo, uma espécie de enigma dos nascimentos e das existências, cuja tradução poderá se viabilizar por diversas direções no sentido de fazê-las durar ou extinguir-se. A data aparece para ser desnaturalizada de suas aparências presentes, sendo um nó problemático que aponta antes do que foi para aquilo que virá a ser. Um aniversário e sua comemoração, antes de tudo, referem-se àquilo que está por vir, que está por se expandir, que está por evoluir de forma criadora. Assim, as comemorações não

se reduzem ao que foram, mas abrem-se ao que virá. Comemorar talvez pudesse vir a ser o que está por devir em nossas vidas, em nosso mundo e em nosso trabalho ativo. Trata-se, portanto, de comemorarmos o “ainda não”, bem como a nossa persistência pelas singularizações; comemorarmos um futuro que, já estando aí, pode nos tornar teste-



munhas de nosso tempo e construtores da história de nosso presente.

Agora, a luta por conquistas no espaço discursivo de nossa ciência e profissão se dá entre as posições que tomamos frente ao viver e ao morrer das formas, frente ao problema das origens filiativas-mnemônicas e de seus incessantes começos rizomáticos. Dá-se, enfim, como combate entre sossegados e desassossegados com as verdades e ideais pronunciados como naturezas do mundo e dos homens. Para suas invenções, os desassossegados forjam estilísticas, convocam diálogos para elementos que não pertencem à psicologia, porque se evadem, em busca de coragem, para o campo da filosofia e das artes. Buscam recursos expressivos em domínios da não-psicologia, fazem dialogar conceitos, autores e épocas em um tom atmosférico que transforma a discursividade tradicional da academia para além dos estritos caminhos de uma cognição racionalista. Realizam uma espécie de reenchantamento do concreto e, não sendo poetas e romancistas, tampouco filósofos e artistas, buscam ultrapassar, desde sua condição de acadêmicos, os limites linguísticos de sua disciplina, o que significa superar suas próprias barreiras identitárias.

Falamos e construímos um momento de defesa de diálogos transdisciplinares que provocam encontros entre as estruturas e o tempo, entre arquivo e testemunho, entre história e devir. Falamos dos campos da filosofia e das artes que instigam a percebermos para além de nosso sensorio-motor, dirigidos aos deslocamentos do tempo, ao movere que, como elemento do mundo, nos torna videntes de outras visões pelas quais podemos acessar grandes e sutis misérias e grandezas imperceptíveis ao nosso olho nu e ordinário.

Há 50 anos, dificilmente esse tema de diálogos entre Ciência, Filosofia e Arte nos ocuparia. Sua emergência assinala-se como parte das grandes transformações ético-estéticas e políticas pelas quais passa nossa Psicologia como ciência e profissão. Subli-

nhamos, assim, que entrelaçar os referenciais da ciência com aqueles advindos das artes e da filosofia procede de um plano que nos supera como indivíduos e que nos torna sujeitos de uma outra formação discursiva sobre a verdade do mundo e dos homens. Trata-se de apontar para a espetacular multidão anônima que tece seus modos de conhecer por meio de rizomas a-centrados, fugidios, fragmentários e cavados na terra, como expressão máxima de um esforço para fazer perseverar a vida, ali mesmo onde ela convoca novas resolutibilidades.

A imagem-mundo produzida por meio de reconhecimentos, calcada em percepções totalizantes e unificadas, imagem interessada e representável parece ter chegado ao seu cansaço. Hoje, a partir de conhecimentos que nos mostram o mundo para além de nossas formações psíquicas, que apontam para um fora do sujeito que somos e de nossa própria linguagem, nos possibilitam e mesmo exigem um esforço para o plano do esgotamento daquilo que ainda resta a dizer, daquilo que pode elevar nossa cognição ao plano de um empirismo transcendental.

A ruína do paradigma cientificista, universalizante, neutralizante e representacional nos atira a um novo plano de buscas para talvez vir a reconciliar nosso pensamento com a própria vida em sua expressão máxima. Trata-se de nos sabermos artífices de nosso mundo e também de nossa disciplina, pois esta, a Psicologia, será sempre expressão daquilo que nós próprios somos, tornando-se um gênero do conhecimento humano mais ou menos permeável aos diversos estilos de seus tradutores e produtores.

¹ Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Pós-doutorado pela Universidade de Lisboa. Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, docente e pesquisadora dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional e de Informática na Educação. Atua a partir dos referenciais da filosofia da diferença nos temas tempo e subjetividade, corpo-arte-clínica, trabalho e tecnologias com ênfase nos processos de resistência e criação.

Da interioridade psi à exterioridade cerebral? Algumas relações entre psicologia e neurociências

Marcos Adegas de Azambuja¹

Percorrer a trajetória histórica da Psicologia e das Neurociências, procurando seus pontos de emergência, confluência e embates, traz certo fascínio pela possibilidade de questionar esses próprios campos de saber, e uma das primeiras indagações que nós, psicólogos, não deixamos de fazer é: e se descobrirem realmente que o *psiquismo está no cérebro, o que restaria para a Psicologia?*

Em um primeiro relance, poderíamos dizer que um tipo de psicologia, aquela que lida com a interioridade subjetiva, estaria 'morrendo' devido aos avanços neurocientíficos. Entretanto, se nos empenharmos nessa pergunta, o mais interessante seria dar-mo-nos por conta de que alguns conceitos e práticas, supostamente inerentes para nossa ciência e profissão, é que estão se modificando, devido a uma luta nas relações de saber e poder no universo científico. Enfim, o que se pode falar em poucas linhas não seria a história cronológica dessas duas disciplinas, mas sim, o que essa intersecção faz-nos pensar sobre o que se tornou natural e já nos passa quase como que despercebido no mundo *psi*².

São principalmente os discursos da clínica e da interioridade, tão fortemente arraigados ao nascimento da Psicologia enquanto ciência, desde o início do século XX, que passam a sofrer deslocamentos significativos a partir da década de 50 e 60, quando as ciências do cérebro começam a ganhar destaque no cenário mundial. Pode-se perceber a transição de uma psicologia que se apoiava na lógica do espaço psicológico interior para uma psicologia que sustenta as bases do enunciado mentalista nos sinais externos, quer dizer, nas origens físicas corporais, principalmente no cérebro. Podemos citar tanto trabalhos internacionais, como de Alain Ehrenberg (2008; 2009), sobre o sujeito cerebral ou cérebro social, de Nikolas Rose (2007), sobre a individualidade somática e o self neuroquímico, de Anne Beaulieu (2003), sobre a função dos mapas cerebrais na ligação da vida mental com o espaço do cérebro, quanto pesquisas nacionais de Francisco Ortega (2008), Paula Sibilia (2004) e Jurandir Freire-Costa (2005), que procuram em diferentes matizes apontar para esse movimento de externalização ou exteriorização da subjetividade.

Com o estudo do sistema nervoso, das composições moleculares e bioquímicas, das diferentes manifestações desse sistema, e a partir de todo um aparato tecnológico, as neurociências procuram compreender, apontar, explicar e manipular o funcionamento da 'alma'³. A cultura da interioridade grandiosamente fortalecida pela Psicologia, até meados do século passado, parece estar em decadência. Devido ao profundo destaque que nossa sociedade contemporânea dá aos cuidados clíni-

cos médicos, em aproximação com as biotecnologias, o modelo internalista e privado de construção de si desloca-se para a exterioridade do corpo como ancoragem da formação de identidade do sujeito.

Mais importante do que defendermos uma Psicologia da interioridade ou exterioridade, seria considerarmos que não há uma natureza universal dos discursos psicológicos, e sim, que as contingências históricas em determinado espaço e tempo fazem emergir distintos processos de experiência subjetiva.

Também não procuraremos achar um lado bom ou mal nessa história das relações entre Psicologia e Neurociências. O que nos interessa é que o avanço das Neurociências desloque certas unidades discursivas, que já haviam se naturalizado – interioridade e clínica –, obrigando, de uma forma ou de outra, um rearranjo dessas disciplinas. Ao invés de pensarmos as relações entre as duas áreas como movimentos reducionistas, poderíamos caracterizá-los como processos produtivos. As neurociências têm função fundamental nesse jogo com a Psicologia, pois têm no cérebro as estratégias de manifestação da verdade e na direção da conduta dos indivíduos. É sobre isso que deveríamos colocar nossas mentes ou nossos cérebros para pensar.

¹ Graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, mestrado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2006) e doutorado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2012), com período de doutorado sanduíche na London School of Economics (LSE). Atualmente é professor titular do Centro Universitário Franciscano e convidado da Universidade Comunitária da Região de Chapecó.

² Sobre os rumos da psicologia com as neurociências (Azambuja, M. A. – 2012)

³ A expressão Psicologia deriva das palavras gregas *psyché* (alma, espírito) e *logos* (estudo, razão, compreensão). Psicologia pode ser compreendida como estudo da alma ou compreensão da alma

Referências

Azambuja, M. A. (2012). "Da alma para o corpo e do corpo para o cérebro: os rumos da Psicologia com as Neurociências". Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

Beaulieu, A. (2003). "Brains, Maps and the New Territory of Psychology". In: *Theory Psychology*, 13(4), 561-568.

Costa, J. F. (2005). "O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo". Rio de Janeiro: Garamond.

Ehrenberg, Alain. (2008). "O cérebro "social": quimera epistemológica e verdade sociológica". Traduzido do original por Anna Luiza W. de Almeida e Silva do original: "Le cerveau social: Chimère épistémologique et vérité sociologique", *Esprit*, nº341, janeiro, 2008. Acessado em 23/4/2011. Disponível em <<http://www.febf.uerj.br/periferia/V1N2/05.pdf>>.

Ehrenberg, A. (2009). "O Sujeito Cerebral". In: *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, 21(1), 187-213.

Ortega, F. (2008). "O Corpo Incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea". Rio de Janeiro: Garamond.

Fronteiras, na interdisciplina

Marcia Ribeiro de Menezes Ribeiro¹

As demandas de casos para o psicólogo no sistema de justiça crescem em proporção similar às dirigidas ao judiciário para intervir, também, nos conflitos da vida cotidiana que não encontraram resolutividade em sua própria seara. Essa experiência guarda associação, em primeiro, com a forma de organização social contemporânea a incidir na crescente criação de leis, que interferem sobremaneira na vida privada e íntima dos humanos. Vide a esse respeito, por exemplo, ‘a lei da palmada’, a proposta de ‘regulação’ da escolha sexual, a ‘alienação parental’, entre outras. Em segundo, com os ‘modelos de juiz’, em seus desdobramentos sobre a demanda, conforme proposto por Ost.

Pela amplitude das implicações que dessa questão decorrem, trata-se, então, no contexto destas breves linhas, de circunscrever um detalhe potente. O trabalho do psicólogo na interface com o direito se realiza numa zona de fronteira, nem sempre suficientemente impermeável, que nos desafia em toda sua radicalidade.

Sabe-se que o trabalho multidisciplinar deriva da reunião de diferentes áreas e da divisão do objeto de estudo em partes, tantas quanto os saberes envolvidos. Enquanto no interdisciplinar o mesmo objeto é atravessado por ‘conceitos válidos partilháveis entre todas as disciplinas’, ou seja, o trabalho depende do reconhecimento dos limites de cada disciplina e da construção de pontos de contato. Esses pontos, capazes de viabilizar o diálogo e a articulação, são segundo País ‘conceitos transdisciplinares válidos’, aqueles que, ainda que atravessem a fronteira da disciplina onde foram forjados, mantêm seu vigor teórico sem se sobrepor ou perder sua especificidade e, ao mesmo tempo, produzem efeitos. Haveria ao menos um ‘conceito transdisciplinar válido’ para a psicologia e o direito?

A experiência interdisciplinar se realiza num território de radical alteridade – zona de não-conforto de diferentes magnitudes – que

exige trabalho, no sentido freudiano, dos que nele se aventuram para compreender, minimamente, os conceitos e a posição discursiva da outra disciplina sem neles se perder.

É curioso – e de antiga investigação – esse efeito na psicologia de adjetivar-se em face à proximidade com outros campos de conhecimento. A proximidade desconfiguraria seu campo epistemológico, transformaria seu objeto de estudo em outro que não o sujeito? Na interface com o direito, nesse recorte do ponto de contato com o jurídico, é também velha a advertência, proferida por Legendre, para que o psicólogo não ocupe a posição de *juiz oculto*, exarando sentenças e julgamentos. Derivaria dela, por exemplo, a homogeneidade discursivo conceitual, quando uma versão sobre os modos de estar do sujeito em relação a um dado conflito, motivo e causa das demandas judiciais ao psicólogo, se escreve como enunciado jurídico-legal. Posição que evidencia as mal traçadas zonas de fronteiras, em que a interdisciplina sucumbe à ‘unidisciplina’.

¹ Psicanalista, membro da APPOA; psicóloga na justiça da infância, especialista em ciências penais.

² O autor propõe, em brevíssima síntese, a existência de três estilos de juiz que, uma vez exercidos, repercutem nas relações com o usuário da justiça, com as instituições e com os profissionais que os assessoram direta ou indiretamente. Coexistiriam na contemporaneidade os três modelos, com prevalência do ‘modelo Hermes’, que trabalha em rede.

Referências

LEGENDRE, Pierre (1983). *O amor do censor: ensaio sobre a ordem dogmática*. Rio de Janeiro: Forense.

OST, François (DEZ 2009). *Três modelos de juiz: Jupiter, Hércules e Hermes*. In: *Revista do Juizado da Infância*. Ano VII. nº 17. p. 109 -130. Porto Alegre: TJRS.

PAÍS, Alfredo (1996). *Interdisciplina e transdisciplina na clínica do desenvolvimento infantil*. In.: *Escritos da Criança*, nº 4. Porto Alegre: Centro Lydia Coriat.

Entrevista com Chico Pedro

Francisco Pedro Estrazulas Pereira de Souza, 85 anos, gaúcho de São Gabriel. Sua história de vida se mistura à história da Psicologia no Rio Grande do Sul. Primeiro psicólogo a ter uma clínica e o primeiro a ser nomeado pelo Governo do Estado, Chico Pedro – como é conhecido por todos – relembra nesta entrevista sua carreira trilhada ao lado de sua esposa, Edela Lanzer Pereira de Souza, falecida em 2004. Juntos, desempenharam importante função na consolidação da profissão. Integrante da Comissão de Psicoterapia do CRPRS, Chico Pedro falou aos demais membros da Comissão por quase duas horas. Confira os destaques de seu depoimento:



Como a Psicologia surgiu em sua vida?

Quando adolescente, recebi do meu avô paterno o vade mecum do cidadão republicano. Ali estavam os principais dilemas da formação pessoal, como a pessoa constrói a sua história dentro da República. Aquilo fez com que eu percebesse como todo o processo político interfere em nossa vida. Foi aí que me dei conta que, por trás de tudo aquilo, estava a Psicologia, presente em qualquer acontecimento. Eu guardei aquela obra como um tesouro pessoal e, desde então, passei a me interessar por Psicologia e Filosofia.

Fale um pouco de sua formação, já que na época não existiam cursos de Psicologia.

Meu pai sempre me estimulou a ter contato com outras culturas, por isso, estudei em uma escola de formação metodista. Comecei, então, a me interessar pela questão da Psicologia Social. Como os cursos nessa área no Brasil ainda eram muito embrionários, eu e a Edela cursávamos Filosofia e já nos preparávamos para pleitear uma bolsa no exterior, após a conclusão do curso. Foi uma vantagem ter estudado Filosofia. Tive um bom conhecimento na área de epistemologia, o que fez com que desenvolvesse um senso crítico e, com isso, não ficasse

preso a uma única doutrina sem conhecer bem seus fundamentos.

E como foram os estudos no exterior?

Consegui uma bolsa para estudar na Universidade de Kansas, nos Estados Unidos. Contudo, o tempo em que ficamos lá foi insuficiente para obter o grau de mestre. Voltamos aos Estados Unidos mais tarde, para realizar o Mestrado, com a dissertação “The Dynamics of organization recovery: an analogy to the process of psychotherapy”. Mais tarde, frequentamos ainda programas de treinamentos oferecidos pelo National Training Laboratories – Institute for Applied Behavioral Science.

Foi difícil criar a primeira clínica particular de Psicologia em Porto Alegre em 1951? Como isso foi visto pelos psiquiatras na época?

Eu e a Edela tínhamos muita credibilidade por ter estudado fora. Naquele tempo, era muito importante ter um título fora do país, muito mais do que hoje. Psiquiatras tinham posição muito cautelosa, para não dizer preconceituosa, talvez por receio de fronteiras de mercado.

Quando dizíamos que iríamos abrir uma clínica, todos nos apoiavam, mas alertavam

quanto à dificuldade que teríamos para ‘entrar’ nesse território. Na época, foi importante conseguir o apoio dos neurologistas e dos pediatras, que buscavam tratamentos de adultos e crianças com problemas psicológicos, mas tinham certo receio ou dificuldade de relacionamento com os psiquiatras. Para eles, ficou muito claro que comigo e com a Edela seria mais fácil se relacionar. Não havia tanto conflito de poder e atrito.

Como foi ser nomeado como o primeiro psicólogo do Estado?

Fui nomeado para trabalhar junto ao Serviço Social de Menores. O chefe da divisão era David Zimmermann e pude aprender muita coisa, além da oportunidade de discutir caso a caso diariamente, isso era quase que uma credencial para mim.

Nessa época, os profissionais que atuavam na área da Psicologia começaram a se organizar pela regulamentação da profissão?

Nos anos 50, começamos a organizar a Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul. Era um movimento que envolvia os professores, que na época atuavam em cursos como Filosofia, Sociologia e Educação. Em 1959, foi criada a Sociedade de Psicologia. Essa mobilização dos profissionais e organização surgiu porque estávamos interessados no surgimento da psicologia como profissão. Eram mentores da nova geração que estavam trabalhando para a formalização profissional.

Como o senhor acompanhou esse processo de formação do Conselho profissional?

Participei das primeiras reuniões do Conselho Federal nos anos 70. Arthur de Mattos Saldanha representava o centro psicotécnico da UFRGS, e eu representava a área Clínica. Em 1979, fui eleito conselheiro do Federal por voto direto, tendo a Ruth Cabral como suplente. O Rio Grande do Sul, sempre com vocação republicana, largou na frente com o voto direto. Conseguimos 96 votos de um eleitorado de 112 pessoas, se não me engano. Os votos contrários eram remanescentes dos

que tinham sido indicados por afinidade com o Regime Militar.

Enas universidades, como a Psicologia foi ganhando espaço e se fortalecendo?

Lembro que havia uma cisão entre PUCRS e UFRGS. Na PUC, surgiram alguns cursos de pós-graduação lato sensu, trabalhando com o ensino de testes mesmo para quem não tinha uma formação básica. Isso foi rejeitado por aqueles que tinham uma posição mais científica, cessando o diálogo entre UFRGS e PUCRS. Eu e a Edela, pelo lado da UFRGS, e o Irmão Henrique Justo, pelo lado da PUCRS, éramos exceção, fazíamos a ponte entre as universidades. Por termos uma formação no exterior, sabíamos que era indispensável ter a união da categoria. Nos anos 50, foi criado o primeiro curso de Especialização em Psicologia pela PUCRS, que serviu de embrião para o primeiro curso de formação de Psicólogo do Estado, como graduação, no início dos anos 60. A UFRGS iniciou com vertente mais científica, desenvolvendo o mestrado e o doutorado.

O senhor iniciou o trabalho na área da Psicologia Organizacional aqui no Estado. Pode descrever como isso ocorreu?

Quando estava estudando nos Estados Unidos, iniciei pesquisas sobre o gerenciamento de crises dentro das organizações. No Brasil, um dos primeiros trabalhos que realizei na área foi para a Varig. Eles estavam interessados em desenvolver atividades da área de RH além das tradicionais funções de departamento pessoal. Queriam promover o desenvolvimento de equipes e a saúde mental dentro da empresa. Trabalhei com as relações de poder e com a circulação de informação.

Acredito que fomos precursores da psicologia do trabalho no Rio Grande do Sul, com uma visão mais institucional, pois até então predominava a visão de ergonomia. Era uma visão centrada no potencial humano e na maneira com a qual as pessoas interagem, com sua história pessoal, sua psicodinâmica em termos de grupos e equipes, e em termos de processos informais dentro das empresas e instituições.

Vocês tiveram a oportunidade de integrar um programa internacional da UNESCO. Como foi essa experiência?

Nos anos 70, fomos convidados a integrar uma equipe internacional da UNESCO para trabalhar em um projeto de pesquisa sobre “Os efeitos da hierarquia no comportamento dos membros da organização”. Analisamos o sistema de comunicação e poder dentro das empresas em diversos contextos sociopolíticos. A coordenação do projeto ficou a cargo do Institute for Social Research, da Michigan University, na época o principal centro de pesquisa em dinâmica de grupo e relações humanas.

Em 1962, ano da regulamentação da profissão, como os profissionais estavam organizados?

Em 1962 já havia o amadurecimento da categoria, estávamos organizados. A regulamentação foi uma consequência natural da profissão. Foi algo para formalizar um processo que já vinha sendo trabalhado há muito tempo. Primeiro, se cria a profissão, e depois, a regulamentação. Foi uma grande vantagem ter amadurecido esse processo naturalmente e não ao sabor das circunstâncias. Acredito que nossa experiência com regime autoritário contribuiu para essa organização. Já tínhamos aqui no estado a Sociedade de Psicologia e o Sindicato.

O senhor acredita que a Psicologia deva se envolver com questões sociais?

O povo brasileiro é mais aberto, no sentido de não ter formado de maneira tão rígida o preconceito do que se pode e o que não se pode fazer na Psicologia. Isso é uma vantagem. Por outro lado, existe a tendência de encarar isso de forma panfletária. É fácil de fazer, tomar posicionamentos sem uma posição mais integradora e científica. Acredito que a Psicologia deva exercer um papel mais catalisador do que polemizador. Deve agir em função do que realmente sabe. É importante que a gente se dê conta que é melhor ser catalista, embora ideias pessoais também possam ser externadas. Já existem muitas pesquisas sobre dinâmicas sociais do Brasil. A função principal da psicologia é ajudar outras pessoas e grupos a ter consciência. Vivemos um momento importante da Psicologia nesse sentido. Afinal, a ciência só existe em função das pessoas que praticam essa ciência.

Em sua opinião, o que os psicólogos podem esperar da Psicologia para os próximos anos?

Tenho a impressão que temos um campo aberto, estamos amadurecendo rapidamente para uma interação produtiva muito fecunda dessas correntes todas. Não acredito que uma determinada corrente vai predominar. A tendência é pegar o essencial de cada orientação e transcender a linguagem de uma determinada escola ou doutrina.

Ao final da entrevista, Chico Pedro fez questão de agradecer a todos os profissionais que exerceram grande influência em sua vida, entre brasileiros e estrangeiros, e fez ainda uma homenagem especial à sua esposa.

Gostaria de deixar registrado a contribuição excepcional de Edela, que infelizmente hoje não está aqui conosco. Ela foi a primeira mulher presidente do Conselho e da Sociedade. Tinha uma liderança espontânea, sendo sempre convidada, nunca candidata. Foi graças a ela que recebi muitos convites e construí a minha trajetória profissional.



A profissão, sua regulamentação e os desafios do exercício profissional

A regulamentação de uma profissão traz consigo não só uma perspectiva corporativista, mas a necessária constituição de marcos técnicos e éticos que deem conta das prerrogativas estabelecidas pelo gestor público ao autorizar uma nova profissão. Assim, nestes 50 anos, num esforço conjunto, trabalhamos para constituir adequada e socialmente esses marcos.

Com a regulamentação da Lei 4.119 em 1962, constituímos formal e legalmente os primeiros passos de um conhecimento técnico, que até então se estabelecia informalmente, praticado em grande parte por não psicólogos. Mais tarde surgiram os cursos de graduação, que passaram a formalizar esse conhecimento, dando início ao modelo de profissão.

Com a criação do Conselho Federal de Psicologia em 1972, a profissão passou a contar com a organização desses profissionais, formando, assim, a corporação que iniciará a consecução de objetivos em comum, como a criação de regimentos e regras de conduta específicas do psicólogo.

O Código de Ética Profissional do Psicólogo, que oficialmente tem a sua primeira publicação em fevereiro de 1975 por meio da Resolução CFP nº08/75, com características remanescentes do Código de Ética da Associação Brasileira de Psicólogos, começa a delinear o conjunto de regras e normas de conduta a serem exercidas pelos psicólogos em seu fazer.

Todo código de ética profissional deve propor regras de conduta aceitáveis, que eleitas em determinado momento histórico da profissão, constituam-se como fonte de reflexão do agir profissional. Logo, devem ser lógicas, adequadas e capazes de retratar o que a profissão, como sistema, pensa e aceita como ético e normativo.

Nesses anos, a psicologia avançou em conhecimento teórico e procedimentos técnicos, investindo em áreas para além do que se havia pensado quando da regulamentação da lei há

50 anos. Avançamos na atualização e sistematização dos testes psicológicos, ampliamos as discussões no âmbito das políticas públicas e da participação técnica dos psicólogos em instituições públicas, como no controle social, no trânsito e no sistema judiciário. Hoje, em muitas áreas é impensável a não presença do psicólogo.

Com essa ampliação do espaço profissional, novos dilemas e obrigações constituíram-se, exigindo dos Conselhos a ampliação de suas obrigações de orientar e de fiscalizar. Os Conselhos passaram a ter áreas específicas de orientações éticas e técnicas. Hoje, no CRPRS, temos um atendimento contínuo ocupado por psicólogos que se revezam nas orientações e esclarecimentos aos psicólogos e à sociedade sobre diferentes questões relacionadas à prática profissional.

Reconhecemos, ao longo desses anos, a importância social do psicólogo, de sua participação cidadã nas diferentes esferas de atuação. Na responsabilidade institucional da profissão frente a questões da sociedade, firmamos posição enquanto categoria, não de uma corporação em busca de garantias, mas na aplicação desse fazer e na manutenção de garantias daqueles que buscam os serviços psicológicos.

Orientar e fiscalizar nos obriga, necessariamente, a discutir o papel da profissão, que não pode deixar de apontar questões que violem direitos. Assim, ética e técnica devem estar atreladas em reconhecer o papel do profissional e apoiá-lo na manutenção desses princípios, como nas atividades dos psicólogos que atuam nas casas prisionais, em albergues, nas avaliações para o trânsito, no judiciário, etc.

Ao completar 50 anos da regulamentação profissional, estamos amadurecidos, preparados para enfrentarmos os novos desafios e tranquilizados pela experiência em reconhecer o que necessitamos mudar.

Lucio Fernando Garcia
Coordenador da Área Técnica do CRPRS

50 anos de história da Psicologia: avanços na construção do compromisso social da profissão



Silvia Giugliani e Carolina dos Reis
Assessoras Técnicas do CREPOP

Nesta edição comemorativa aos 50 anos da Psicologia no Brasil, buscamos destacar alguns pontos históricos da profissão que tornaram possível a construção do CREPOP como uma ferramenta do Sistema Conselhos para o fortalecimento do compromisso social da Psicologia e para a efetivação de políticas públicas.

Enquanto profissão regulamentada, vivemos o tempo da promulgação da Constituição Federal de 1988, testemunhamos e compusemos os Movimentos Sociais que tiveram coragem de exercer sua cidadania, vivenciamos a aprovação do Sistema Único de Saúde – SUS, incidimos para a formulação, o debate e a recente aprovação do Sistema Único de Assistência Social – SUAS, além de outras várias experiências que exigiram da Psicologia formulações e orientações que qualificassem nossa presença nos diferentes campos das políticas públicas. Entretanto, a garantia de políticas públicas efetivas é sempre um campo de forças que nos exige a manutenção de espaços coletivos de debates, que tragam qualificação técnica e legitimidade democrática à presença e aos posicionamentos assumidos pela Psicologia por meio do Sistema Conselhos nesses enfrentamentos.

Em resposta a essa demanda e em consonância com o processo de democratização do país e com movimentos da própria sociedade que exigiam da Psicologia maior implicação com as questões sociais, o Sistema Conselhos volta-se para a retomada do debate acerca do compromisso social da profissão. A partir disso, buscou-se a criação de projetos destinados à ampliação da presença da Psicologia nas políticas públicas, uma das primeiras ações consolidadas nesse sentido foi o Banco Social de Serviços em Psicologia.

Esse projeto, embora tenha conseguido dar visibilidade a temática frente a categoria, recebeu críticas pelo caráter assistencialista que adquiriu. Buscando superar essa perspectiva, o CREPOP foi criado no ano de 2006 como uma ferramenta de mapeamento, reconhecimento e fortalecimento da atuação profissional nos serviços públicos, bem como de incidência sobre a formulação de políticas estatais.

Desde então, o CREPOP tem buscado se constituir como um dispositivo de promoção desse exercício que se consolida na medida em que os profissionais ocupam os espaços abertos e neles compartilham práticas, questionamentos, aprendizagens, bem como apresentam à profissão a necessidade de dialogar com o tempo, contexto, contradições e desafios da atuação no âmbito das políticas públicas. Nesses seis anos de existência do CREPOP, tivemos a oportunidade de aproximar o Sistema Conselhos de mais de vinte diferentes áreas das políticas públicas, fomos ao encontro do fazer do psicólogo, onde ele acontece.

Em 2012, caminhamos para a publicação de novos documentos de Referências Técnicas para atuação profissional. Somos parte da construção das agendas políticas da profissão. Esse trabalho só foi e continua sendo possível pelo reconhecimento dos profissionais de sua importância e pelo engajamento destes na produção de uma Psicologia comprometida com um fazer ético, técnico e politicamente orientado. O CREPOP é hoje muito mais uma ferramenta de coletivização de conhecimentos do que de produção desses.

Aproveitamos esta edição comemorativa para agradecer e parabenizar a todos os psicólogos que nos auxiliaram a construir a história deste presente.

Participe das ações do CREPOP:

Se você atua nas políticas de atenção à população em situação de rua, entre em contato conosco e participe da pesquisa do CREPOP por meio do questionário on-line em www.crprs.org.br e dos encontros presenciais.

Fique atento para as datas dos encontros do

Conversando Sobre a Psicologia e o SUAS na sua região, disponíveis no site do CRPRS.

Neste ano, ainda realizaremos diversas Consultas Públicas, que permitem aos psicólogos incidir sobre a formulação dos documentos de Referência Técnica do CREPOP. Confira as datas dos debates e outras informações no site do CRPRS.

Exposição resgata a história da Psicologia

Para celebrar os 50 anos da profissão, o Conselho Federal de Psicologia encaminhou a todos os Conselhos Regionais a exposição “Psicologia - 50 anos da profissão no Brasil” que resgata a história da Psicologia no contexto nacional e regional, destacando a contribuição e o relacionamento da profissão com a sociedade.

Programa-se e visite a Exposição:

PORTO ALEGRE

De 06 a 10 de agosto

Local: Câmara dos Vereadores de Porto Alegre (Avenida Loureiro da Silva, 255)

Horário de visitação: das 08h30 às 17h30

De 13 a 18 de agosto

Local: Mercado Público Municipal de Porto Alegre (Largo Glênio Peres, s/nº, 2º andar)

Horário de visitação: de 2ª a 6ª feiras das 07h30 às 19h30 e sábados das 07h30 às 18h30

De 20 a 27 de agosto

Local: Casa de Cultura Mário Quintana em Porto Alegre (Rua dos Andradas, 736 – 5º andar)

Horário de visitação: 2ª feira das 14h às 21h, de 3ª a 6ª das 09h às 21h e aos sábados e domingos das 12h às 21h

CAXIAS DO SUL

De 13 a 23 de setembro

Local: San Pelegrino Shopping Mall (Av. Rio Branco, 425)

Horário de Visitação: de 2ª a domingo das 10h às 22h

PELOTAS

Dias 08, 09, 10, 11, 15, 16 e 17 de outubro

Local: Centro de Integração do Mercosul (R. Andrade Neves, 1529)

Horário das 08h às 22h

SANTA MARIA

Em novembro – local a definir



I MOSTRA REGIONAL DE PRÁTICAS EM PSICOLOGIA A TÉCNICA ALIADA À ARTE 50 ANOS DE HISTÓRIA

I Mostra Regional de Práticas em Psicologia – A Técnica Aliada à Arte – “50 Anos de História”

A Mostra irá reunir trabalhos que descrevam

práticas da Psicologia aliadas a diferentes modalidades de arte, como áudio, vídeo, literatura, artes cênicas e artes plásticas. Será realizada na Casa de Cultura Mario Quintana (Rua dos Andradas, 736) em Porto Alegre. Confira programação completa:

24/08, sexta-feira, 18h30

Abertura da I Mostra Regional de Práticas em Psicologia - A Técnica Aliada à Arte - “50 Anos de História”

Local: Auditório Luis Cosme da Casa de Cultura Mário Quintana (4º andar)

25/08, sábado

08h30 – Oficinas promovidas pelo CRPRS aliando manifestações de arte à história da psicologia

Local: Salas A2B2 e C2 (2º andar) e Auditório Luis Cosme (4º andar)

13h30 – Apresentação dos trabalhos selecionados para a I Mostra Regional de Práticas em Psicologia – A Técnica Aliada à Arte – “50 Anos de História”

Local: Auditório Luis Cosme (4º andar)

27/08, segunda-feira, 18h30

Encerramento da I Mostra Regional de Práticas em Psicologia - A Técnica Aliada à Arte - “50 Anos de História” com anúncio dos três autores vencedores da Mostra Regional, entrega do Troféu Profissional Destaque e coquetel pelo Dia do Psicólogo.

Local: Auditório Luis Cosme (4º andar)

Prepare-se para a 2ª Mostra Nacional: a maior aula de Psicologia que o Brasil já viu



A 2ª Mostra Regional de Práticas em Psicologia, que acontece de 20 e 22 de setembro, no Anhembi, na cidade de São Paulo, já tem mais de 19 mil inscritos. O evento marca o ápice das comemorações dos 50 anos da regulamentação da Psicologia como profissão.

A programação contará com apresentação de aproximadamente 2 mil práticas profissionais. Haverá espaços para que psicólogos divulguem seus trabalhos e possam criar articulações para seguir fortalecendo as diferentes áreas em que atuam.

As atividades da Mostra incluem mesas

redondas, espaço para crianças, praças para exposição de trabalhos, túnel com vídeos de participantes e restaurantes, além do espaço do corpo, voltado para práticas terapêuticas e da sala de espelhos, área que tratará dos direitos humanos por meio de um ambiente de reflexão.

Nos três dias da Mostra, acontecerá a segunda edição do Prêmio Paulo Freire, com homenagem a 13 personalidades brasileiras que têm contribuído assiduamente em suas atuações para o aprofundamento da democracia, o combate à desigualdade social no Brasil e a construção do bem comum.

Pelotas promove Jornada em Comemoração ao Dia do Psicólogo

Para marcar as comemorações dos 50 anos de Regulamentação da profissão e do Dia do Psicólogo, a Subseção Sul promove Jornada no sábado, 18/08, das 09h às 17h, no Hotel Jacques Georges Tower (Rua Almirante Barroso, 2069 – Centro).

O evento, que reunirá profissionais e estudantes da Região, abordará temas como Psicologia e Saúde, Psicologia Social, Psicologia e Educação e Psicologia Organizacional.

Psicologia Humanista e Espiritualidade em debate no CRPRS

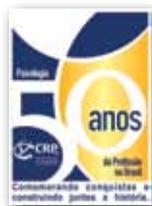
No dia 26/07, a Comissão de Psicoterapia do CRPRS promoveu a Roda de Conversa sobre Psicologia Humanista e Espiritualidade. O evento discutiu o tema Psicologia e Espiritualidade, com base na linha de psicoterapia humanista, tendo enfoque principal na Abordagem Centrada na Pessoa.

A Roda de Conversa contou com a participação de Alberto Segrera, da Universidad Iberoamericana do México; André Feitosa, da Faculdade Nordeste – FANOR; e Yuri de Nóbrega Sales, também da FANOR. Os três vieram ao Rio Grande do Sul para participar da Jornada Gaúcha da Abordagem Centrada na Pessoa. O evento prestou, em 28 de julho, uma homenagem ao Irmão Henrique Justo, profissional que muito contribuiu para a história da psicologia no estado.

Atenção Psicólogo – Assembleia Geral Ordinária

O Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul convoca todos os psicólogos para Assembleia Geral Ordinária que será realizada em 28 de setembro, às 19h, no auditório do CRPRS (Av. Protásio Alves, 2854 – 4º andar).

Em pauta, a proposta ao Conselho Federal de Psicologia da tabela de anuidades, taxas, multas e emolumentos para o exercício de 2013.



Lembrança dos 50 anos

Junto com esta edição do EntreLinhas, todos os psicólogos inscritos no CRPRS estão recebendo uma lembrança especial, um marcador de páginas com o selo comemorativo dos 50 anos de regulamentação da profissão.



CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL

A Presidente do Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul, Psic. Vera Lúcia Pasini, em cumprimento ao estabelecido no Código de Processamento Disciplinar vem, por meio deste instrumento, aplicar a penalidade de

CENSURA PÚBLICA

à psicóloga Raquel Rockenbach, CRPRS-10.009 por infração ética aos artigos 1º, alínea “c” e 2º, alínea “g” do Código de Ética Profissional do Psicólogo.

Porto Alegre, 13 de junho de 2012.



CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL

O Conselho Regional de Psicologia do Estado do Rio Grande do Sul vem por meio deste convocar os Psicólogos abaixo relacionados a comparecerem, no prazo de 30 dias a contar da publicação deste Edital, na sede do CRPRS, situada na Av. Protásio Alves, 2854, sala 301 – Porto Alegre/RS, para tratar de questões relativas a seu registro.

ALINE DE ALBUQUERQUE BORGES – 14215; ANGELA MARIA TOMASSONI MOLLER – 13477; BARBARA BENJAMIN CORREA – 12706; CAROLINE DANIELA KUBBE – 16785; CÍNTIA SILVA RIBEIRO VERGAS – 13874; CRISTIANE CHARÃO JARDIM – 11686; CRISTINA DA SILVA SCHMITT – 15093; DANIELE DE OLIVEIRA SANT’ANA – 11539; DULCE PALMEIRA GUERRÁ – 11556; EDUARDO FEITOZA SILVA JUNIOR – 13374; FERNANDA RIBEIRO CAVALHEIRO – 13197; GIOVANA ANDREIA NEIDERMEIER – 17235; IDAMIS TATIANA CARDOSO CANDIDO – 14537; LARISSA BECKER CALHEIROS – 15705; LEONARDO JOHNSON MILER – 17198; MARIA CRISTINA SOARES DA SILVA – 11511; MARILIA FEIJO DE ARAUJO LOPES – 11573; PATRICIA PERIN – 15421; ROSANE BING SAVINO – 11165; SABRINA FREITAS DA SILVA – 13576; THAIS PINHEIRO SILVA – 14504; VANIA DE OLIVEIRA PEREIRA – 13002.

Porto Alegre, 15 de agosto de 2012.

Próximo EntreLinhas

Você votou e escolheu o tema da Edição nº 60 do EntreLinhas. Psicologia e Clínica foi o tema escolhido para a próxima edição do jornal do CRPRS. O tema eleito recebeu 69% dos votos, seguido por Direitos Humanos (19%) e Ética (12%).

Correção

Diferentemente do que foi publicado na edição nº 58 do jornal EntreLinhas, a psicóloga Carla G. da Silva não é a coordenadora do Centro de Atenção Psicossocial de Santa Cruz do Sul. A terapeuta ocupacional, Luzia Bier, é a atual coordenadora do CAPS II.

Cursos

Estados Autísticos e Psicoses da Infância
De agosto a novembro
Informações: (51) 3019.5340
ensino@contemporaneo.org.br
http://www.contemporaneo.org.br/

Especialização em Teoria Psicanalítica UniCEUB-SPB
16 de agosto a 11 de dezembro de 2012
Brasília/DF
Informações: (61) 3966.1298
pos.tp@uniceub.br
http://www.uniceub.br

Psicoterapia Infantil na Perspectiva da Gestalt Terapêutica
17 e 18 de agosto de 2012
Caxias do Sul/RS
Informações: (54) 9958.4126
recriar@recriar.net.br
http://www.recriar.net.br

Adolescência - Uma visão Psicodinâmica a partir de Winnicott, Ferenczi e Freud
Início em 18 de agosto de 2012
Porto Alegre/RS
Informações: (51) 3343.4064 / (51) 3337.5657
winnicot@brturbo.com.br
http://clinicawinnicott.blogspot.com

Análise Institucional: principais conceitos e intervenção
18 de agosto, 15 de setembro, 20 de outubro, 24 de novembro e 8 de dezembro
Porto Alegre/RS
Informações: (51) 3331.7467
contato@pichonpoa.com.br
http://www.pichonpoa.com.br

Esquizoanálise e práticas sociais e institucionais
18 de agosto, 15 de setembro, 20 de outubro, 24 de novembro, 8 de dezembro de 2012 e 05 de janeiro de 2013
Porto Alegre/RS
Informações: (51) 3331.7467
contato@pichonpoa.com.br
http://www.pichonpoa.com.br

Famílias - Práticas analíticas e sociais
25 de agosto, 22 de setembro, 27 de outubro, 10 de novembro e 15 de dezembro de 2012
Porto Alegre/RS
Informações: (51) 3331.7467
contato@pichonpoa.com.br
http://www.pichonpoa.com.br

Curso para certificação L.A.B.E.L.
30 e 31 de agosto de 2012
Porto Alegre/RS
Informações: daniela.pereira@efeitosolucoes.com.br

Curso de Clínica Psicanalítica
Agosto de 2012
Local: Porto Alegre/RS
Informações: (51) 3319.7665 / (51) 3384.2765
iwibion@terra.com.br
http://www.institutowilfredbion.com.br/

Formação em Terapia Individual Sistêmica
Início em agosto de 2012
Porto Alegre/RS
Informações: http://www.cefipoa.com.br/

Especialização em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica
Início em agosto de 2012
Porto Alegre/RS
Informações: http://www.iepp.com.br

Especialização em Psicologia Escolar
Início em agosto de 2012
Local: Porto Alegre/RS
Informações: (51) 3331.5681
E-mail: capepsi@terra.com.br
Site: http://www.capepsi.com.br

Formação em Psicoterapia Psicanalítica de Crianças
Início em agosto de 2012
Local: Porto Alegre/RS
Informações: (51) 3338.6041
E-mail: cyromartins@cpovo.net
Site: http://www.cyromartins.com.br

Compreendendo sentidos e práticas dos usos de drogas na atualidade
Início em agosto de 2012
Porto Alegre/RS
Informações: (51) 3331.7467, 3072.2903, 98856.7870 e 9865.7080.
contato@pichonpoa.com.br
http://www.pichonpoa.com.br

Amor, amores e paixões - vislumbres, aspirações e paisagens... nas artes, na vida e no coração
Início em agosto de 2012
Porto Alegre/RS
Informações: (51) 3331.7467, (51) 3343.1231, (51) 9962.7050
c.ricardo.k@gmail.com
http://www.pichonpoa.com.br

Psicanálise e Literatura
1º de setembro de 2012
Local: Porto Alegre/RS
Informações: (51) 3019.5340
ensino@contemporaneo.org.br
http://www.contemporaneo.org.br/

Formação em Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico-Existenciais: Gestalt e Abordagem Rogeriana
1º de setembro a 30 de agosto de 2013
João Pessoa/PB
Informações: (83) 8731.5431 / (83) 9382.7113
eksistencia.joaopessoa@gmail.com

Formação em Psicanálise
Início em 13 de setembro de 2012
São Paulo/SP
Informações: (11) 3864.2330 / (11) 3865.0017
cep@centropsicanalise.com.br
http://www.centropsicanalise.com.br

Extensão "O Modelo Integrado Psicanálise-Neuropsicologia e sua aplicação à compreensão dos fenômenos Psicossomáticos e das Somatizações"
15 de setembro de 2012
Novo Hamburgo/RS
Informações: (51) 3581.4055 / (51) 93262497
ipsi@via-rs.net
http://www.ipsi.com.br

Formação, qualificação e treinamento profissional em psicoterapias cognitivas comportamentais
Início em setembro de 2012
Florianópolis/SC
Informações: atualpsi@atualpsi.com
http://www.atualpsi.com

Abordagem Transdisciplinar no Tratamento da Dependência Química
6 de outubro de 2012
Porto Alegre/RS
Informações: (51) 3019.5340
ensino@contemporaneo.org.br
http://www.contemporaneo.org.br/

Curso de Extensão "Drogadição"
Início em 20 de outubro de 2012
Novo Hamburgo/RS
Informações: (51) 3581.4055 / (51) 93262497
ipsi@via-rs.net
http://www.ipsi.com.br

Debates e Grupos de Estudos

Reunião temática - "Psicanálise e Neurociência - há questão?"
24 de agosto de 2012
Pacaembu/SP
Informações: (11) 3864.2330 / (11) 3865.0017
cep@centropsicanalise.com.br
http://www.centropsicanalise.com.br

Exibição do Filme "Tão Forte e Tão Perto"
24 de agosto de 2012
Porto Alegre/RS
Informações: (51) 3019-5340
ensino@contemporaneo.org.br
http://www.contemporaneo.org.br

Rodas de Conversa - articulando psicanálise e saúde coletiva no tema do Suicídio
27 de agosto de 2012
Porto Alegre/RS
Informações: martacte@terra.com.br

Debate - Os Sete Pecados Capitais - As Várias Faces do Desejo
29 de agosto, 26 de setembro e 24 de outubro
Porto Alegre/RS
Informações: (51) 3333.6857
secretaria@sbdpepa.org.br

Debate - Narcisismo - A Ética Contemporânea
31 de agosto de 2012
Pacaembu/SP
Informações: (11) 3864.2330 / (11) 3865.0017
cep@centropsicanalise.com.br
http://www.centropsicanalise.com.br

Grupo de Estudos - Edgar Morin - Reforma do pensamento, desassossego dos paradigmas e complexidade
Início em agosto de 2012
Porto Alegre/RS
Informações: (51) 3331.7467, (51) 3343.1231, (51) 9962.7050
c.ricardo.k@gmail.com
http://www.pichonpoa.com.br

Exibição do filme "Um sonho impossível"
13 de setembro de 2012
Local: Novo Hamburgo/RS
Informações: (51) 3581-4055
ipsi@via-rs.net
http://www.ipsi.com.br

Exibição do Filme "Meu Nome não é Johnny"
28 de setembro de 2012
Porto Alegre/RS
Informações: (51) 3019-5340
ensino@contemporaneo.org.br
http://www.contemporaneo.org.br

Exibição do filme "Os descendentes"
18 de outubro de 2012
Novo Hamburgo/RS
Informações: (51) 3581-4055
ipsi@via-rs.net
http://www.ipsi.com.br

Exibição do filme "O Jardineiro Fiel"
26 de outubro de 2012
Porto Alegre/RS
Informações: (51) 3019-5340
ensino@contemporaneo.org.br
http://www.contemporaneo.org.br/

Exibição do filme "O Leitor"
8 de novembro de 2012
Novo Hamburgo/RS
Informações: (51) 3581.4055 / (51) 93262497
ipsi@via-rs.net
http://www.ipsi.com.br

Exibição do filme "Os Sonhadores"
30 de novembro de 2012
Porto Alegre/RS
Informações: (51) 3019-5340
ensino@contemporaneo.org.br
http://www.contemporaneo.org.br/

Congressos, Jornadas, Simpósios

Seminário curta duração "Da Melancolia Introspectiva à Depressão Banalizada"
16 de agosto de 2012
Pacaembu/SP
Informações: (11) 3864.2330 / (11) 3865.0017
cep@centropsicanalise.com.br
http://www.centropsicanalise.com.br

X Jornada Científica - Mudança Psíquica: Construções no Percorso Analítico
16 a 18 de agosto de 2012
Porto Alegre/RS
Informações: (51) 3333.6857
secretaria@sbdpepa.org.br

I Congresso de Psicologia Organizacional e do Trabalho da Região Nordeste
16 a 18 de agosto de 2012
Aracaju/SE
Informações: http://www.oceanoeventos.com.br/potnordeste

Seminário curta duração "Transições de Vida Voluntárias e Involuntárias"
17 de agosto de 2012
Pacaembu/SP
Informações: (11) 3864.2330 / (11) 3865.0017
cep@centropsicanalise.com.br
http://www.centropsicanalise.com.br

X Jornada do Contemporâneo - A Psicanálise Vincular
17 e 18 de agosto
Porto Alegre
Informações: (51) 3019-5340
ensino@contemporaneo.org.br
http://www.contemporaneo.org.br

III Jornada NEAPC - Setting Terapêutico e Processos de Mudanças - Manejo Clínico das Terapias Cognitivas
28 e 29 de setembro de 2012
Porto Alegre/RS
Informações: (51) 3333.2123
jornadaneapc@neapc.com.br
http://www.neapc.com.br

XV Jornada - "Psicanálise e Pós-Modernidade"
5 e 6 de outubro de 2012
Porto Alegre/RS
Informações: esipp@esipp.com.br
http://www.esipp.com.br/

Seminário - O homem dos lobos
20 de outubro de 2012
Passo Fundo/RS
Informações: (51) 3062.7400
sig@sig.org.br
http://www.sig.org.br

4ª Jornada WP de Terapias Cognitivas - O Impacto da Terapia Cognitiva na Promoção da Saúde Mental
26 e 27 de Outubro
Santa Maria/RS
Informações: (55) 3304.1741
www.jornadawp.com.br

Seminário - Schreber
24 de novembro de 2012
Passo Fundo/RS
Informações: (51) 3062.7400
sig@sig.org.br
http://www.sig.org.br

USO EXCLUSIVO DOS CORREIOS

<input type="checkbox"/> ausente	<input type="checkbox"/> endereço insuficiente
<input type="checkbox"/> falecido	<input type="checkbox"/> não existe o número indicado
<input type="checkbox"/> recusado	<input type="checkbox"/> desconhecido
<input type="checkbox"/> não procurado	<input type="checkbox"/> inf.porteiro/síndico
<input type="checkbox"/> mudou-se	<input type="checkbox"/> outros (especificar)
.....	
_____ / _____ / _____	_____
data	rubrica do responsável
VISTO	